

Arte do estilo. Notas de leitura do *Ecce homo* de Friedrich Nietzsche

Art of style. Reading notes of
Ecce homo by Friedrich Nietzsche

Silas Borges MONTEIRO¹
Polyana Cíndia OLINI²
Emília Carvalho Leitão BIATO³

Ecce homo. Como alguém se torna o que é.
Friedrich Nietzsche
Companhia das Letras
Tradução de Paulo César de Souza

Uma palavra inicial precisa ser dada: Nietzsche (talvez como Freud ou Goethe) corre o risco de não ser lido ao se fazer a opção por uma tradução não devida. Se isso é recomendação de especialistas, não se pode desconhecer que ele mesmo assim pensava. Em uma carta de dezembro de 1888, escrita a um grande escritor sueco, August Strindberg, acerca das possíveis traduções de seus novos livros – entre eles, o *Ecce homo*– ele afirma: “Afinal, entre nós, traduzir meu *Ecce homo* requer um poeta de primeira ordem: na expressão, no *refinement* do sentimento; isto está a milhares de milhas além do mero ‘tradutor’.” (Carta 1176, dezembro de 1888). Não é sem exagero. Nietzsche, nas mãos de tradutores não especializados, deixa de sê-lo. No Brasil, dois são recomendados: a clássica tradução feita por um filósofo poeta, Rubens Rodrigues Torres Filho, a mais indicada, e a tradução de Paulo César de Souza, publicada pela Companhia das Letras. Todas as outras devem ser vistas com cuidado.

* * *

1 Professor Associado do Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação da UFMT. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. End. Institucional: Av. Fernando Corrêa da Costa, 2367, Boa Esperança, Cuiabá-MT. CEP 78060-900. Tel. 65 3615-8431.

2 Mestre em Educação pela UFMT.

3 Professora do Departamento de Saúde Coletiva da UFMT. Doutoranda em Educação pelo PPGE/ UFMT.

Após o prólogo, antes do conteúdo, uma página recebe um parágrafo de seu autor, que assim diz: “Neste dia perfeito, em que tudo amadurece e não é somente o cacho que se amarela, acaba de cair um raio de sol sobre minha vida: olhei para trás, olhei para a frente, nunca vi tantas e tão boas coisas de uma vez.” Nietzsche se refere aos livros escritos no último semestre de 1888, entre eles *Ecce homo*. A relação de Nietzsche com seus escritos é muitíssimo peculiar. Ele, como poucos, vê em seus textos mais do que expressão de ideias, como querem os metafísicos, ou do registro de dramas pessoais de seus autores, como pretendem as clássicas relações vida-e-obra. No *Ecce homo* ele diz: “Uma coisa sou eu, outra são meus escritos.” No prefácio de 1886 para *Miscelânea de opiniões e sentenças*, teria afirmado: “Meus escritos falam somente de minhas superações: ‘eu’ estou neles, com tudo o que me foi hostil, *ego ipsissimus*, e até mesmo, se é permitida uma expressão mais orgulhosa, *ego ipsissimum*”. Assim, não se encontrarão nos textos do autor de Zarathustra expressões de razões do pensamento ou afetações existenciais. Mais adequado é dizer que nos escritos de Nietzsche encontramos uma máquina de guerra contra os conceitos da metafísica ocidental.

É certo que essa forma de ver os escritos de Nietzsche decorre de uma apreciação. Nietzsche cumpre diversos propósitos, inclusive os equivocados que veem nele um aristocrata, um revolucionário, um reacionário, um libertador, um fascista, um liberal, um nazista, um democrata. Sua filosofia perspectivista, nascida do estilo adotado principalmente depois de *Humano, demasiado humano*, favorece leituras apressadas que querem transformá-lo em proponente de uma ideologia a ser seguida. Nada mais equivocado.

Para Nietzsche, no *Ecce homo*, “todos os meus escritos são anzóis: quem sabe eu entenda da pesca mais do que muitos? [...] Se nada mordeu, não foi minha culpa. Faltavam os peixes [...]”. Certamente seus textos atraem os de seu feitio; embora, não raro, vejam nele mais de si do que de seus textos. Esse movimento peculiar criado pelos textos de Nietzsche indica sua força em pensar a vida, mais do que tratar do pensamento. Por isso na abertura do *Ecce homo* ele diz: “E por isso me conto minha vida.” Podemos, seguindo Marton, dizer que aqui, mais do que em qualquer texto, estão implicadas “reflexão filosófica e vivências”.

Em 6 de novembro de 1888, Nietzsche escreve ao seu editor anunciando o término eminente do livro, o que ocorrerá depois do dia 20. Neste livro, vemos a constituição da sua arte de estilo. *Ecce homo* é um livro autobiográfico. Logo, com Nietzsche podemos pensar que a vida tem estilos. Em uma carta a Overbeck escreve que *Ecce homo* “oferece alguma pista psicológica e inclusive biográfica sobre mim e minha literatura: de imediato isso poderá ser visto. O tom do escrito é sereno e cheio de fatalidade, como tudo o que eu escrevo” (A Franz Overbeck, em 13 de novembro de 1888). Elege como adversário, nos textos deste fim de

1888, “o crucificado”, figura emblemática depositada sobre o Cristo e sua religião, chamada por Nietzsche de platonismo do povo.

Mas, o que mais nos chama a atenção é a proposta analítica que Nietzsche realiza em *Ecce homo*: como tornar-se o que se é. Um livro que, ao tratar a vida do autor, mostra como o autor avalia a vida: este é um ótimo orientador de investigações.

* * *

O livro é composto por quatro capítulos: Por que sou tão sábio, Por que sou tão esperto,⁴ Por que escrevo livros tão bons (e, neste capítulo, o autor discorre sobre vários títulos de sua obra) e Por que sou um destino.

Friedrich Nietzsche é sábio por “tomar a si mesmo como um fado, não se querer diferente” (Por que sou tão sábio, § 6). Ao sentir fortes dores de cabeça durante três dias seguidos, como cita, afirma que o sofrimento e as sensações no corpo inteiro lhe permitem pensar “com sangue frio” (§ 1). Percebe em si um refinamento e capacidade de curar-se, o que o leva a afirmar-se como dono de uma grande saúde: a que consiste no enfrentamento do duplo saúde-doença, não como quem nega a dor, mas como quem a afirma como parte do que se é. Assim, mantém-se livre e esclarecido contra o ressentimento, como um soldado russo, que em seu fatalismo sem revolta, se lança no chão, corajoso para a morte e especialmente para a conservação da vida “nas circunstâncias mais perigosas” (§ 6).

A esperteza do filósofo alemão se apresenta em sua economia contra o desperdício de si mesmo. O comer e o beber, o lugar e o clima se colocam a serviço do cuidado de si, “a tutela de um instinto imperioso”, contra o “nivelar-se a qualquer um” (Por que sou tão esperto, § 2). Seguindo disciplinarmente suas medidas, seus limites e seus instintos, estiliza a própria vida, como obra de preservação. Toma como bases para o tornar-se o *que se é*, o “amor de si” e o “cultivo de si” (§ 9), o que atribui valor até mesmo aos desacertos, adiantamentos e desvios da vida.

A escrita de livros tão bons, mais do que romper a sequência de títulos dos capítulos, os entremeia, num contínuo. Sou sábio, sou esperto, sou um destino. E escrevo. O escrever é tomado como forma de ser. Inicia o capítulo afirmando: “Uma coisa sou eu, outras são meus escritos”. Parece não querer ter seus textos interpretados a partir de dramas de sua história. No entanto, faz questão de marcar sua arte com seu estilo: sua escritura materializa sua originalidade. Ainda, se conseguimos compreender algumas frases de seu texto, é por as termos vivido:

4 Para este capítulo do livro, escolhemos a tradução para o português de Rubens Rodrigues Torres Filho, uma vez que nos parece contemplar melhor a ideia ali desenvolvida.

“Não se tem ouvidos para aquilo a que não se tem acesso a partir de vivências” (Por que escrevo livros tão bons, § 1). Chama-nos a atenção esse duplo papel das vivências na escritura: o autor comunica “um estado”, um pathos, através de uma “arte dos gestos” (§ 4) que apresenta o seu vir a ser. No entanto, se não houver ouvidos – logo, vivências –, a comunicação não é possível.

“Conheço minha sina” (Por que sou um destino, §1). Esta é a afirmação de Nietzsche no último capítulo do livro. Sem nenhuma pretensão de ser santo, apresenta-se como mensageiro de uma maneira radicalmente outra de pensar: a transvaloração de todos os valores, a criação de outros valores em relação aos já instituídos, num modo de dizer sim à vida.

* * *

Ecce Homo pode ser lido como narrativa de uma organização de instintos que configuram Nietzsche como filósofo trágico, isto é, filósofo que não rejeita a pluralidade de instintos que o constitui. Neste plano de pensamento o uso do conceito *instinto* refere-se à hierarquização natural do corpo como um processo de autoafirmação.

Nietzsche inscreve sua filosofia como tendo sua base em suas próprias vivências. Dessa forma, é possível ter contato com sua vida, apresentada da perspectiva de seus impulsos dominantes. O filósofo não é um sujeito ou indivíduo único, mas uma infinidade de forças e impulsos em relação, disputando por expansão e domínio.

Dioniso é um elemento fundamental na filosofia nietzschiana. Diz respeito à divindade que enfrenta aquilo que é exuberante em sentido de força, até mesmo onde a dor seria vivência para selecionar e hierarquizar instintos. A tragédia deve ser entendida como um hino de louvor à vida e às suas manifestações ébrias de instintos, bem como um revigorante da vontade de viver. É nesta atitude, em que se caracteriza como filósofo trágico e possuidor da *sabedoria trágica*, que se observa uma aprovação da vida tal qual ela se lhe apresenta.

Conta-se sábio e esperto, primeiramente, porque nos tempos de *décadence* impôs proibição, através de sua configuração instintiva, a tudo aquilo que lhe fosse prejudicial. Foi astuto em buscar condições favoráveis para expansão de sua potência. Também porque, dessa forma, compôs seu instinto de autoconservação, dando atenção às coisas realmente importantes da vida. Ao tratar sobre *como tornou-se o que é*, fala da sua recusa a todas as formas de negação à vida. Faz guerra contra a moral cristã, por não contribuir como estímulo para o homem que se autoafirma, e por negar os “primeiríssimos instintos da vida” pelo corpo, pela sexualidade e pelo “amor de si”.

Para o filósofo a grande relevância da vida está em seus aspectos fundamentais. Quer mostrar que os detalhes nos determinam muito mais do que podemos medir. E apresentar a visão errônea da moral e sua história de menosprezo

pelo corpo. Tudo o que é mais próximo nunca foi objeto de interesse, nem da arte, nem da filosofia e nem mesmo da vida; elas tratam sobre aquilo com que Nietzsche nunca se preocupou: Deus, imortalidade da alma, virtude, verdade e salvação etc. Atento às coisas pequenas, mais próximas ou cotidianas, isto é, “alimentação, lugar, clima, distração, toda a casuística do egoísmo”, descobriu o seu corpo e o que convém para ele.

Nietzsche apresenta em *Ecce homo* as quatro bases do que podemos chamar de moral dietética: a) a questão de regime alimentar; b) de lugar; c) de clima e d) de distração (repouso literário e musical). Elas se moldam em uma “casuística do egoísmo”, em que o autor menciona a relevância de sua tarefa e explicita a importância de reaprender todas as coisas que dizem respeito à vida e à moral. Deixa claro que essas coisas tidas como pequenas, necessárias à vida, são parte constituinte dela, e definem a saúde ou a *décadence* do indivíduo. São as coisas pequenas que definem, dão expressão e subjetividade aos tipos e aos povos, elementos fundamentais para *tornar-se o que se é*, pois essa tarefa não consiste em uma volta ou uma revelação do eu verdadeiro, não consiste na possibilidade de se chegar a um eu fixo, muito menos em se considerar um eu verdadeiro: tornar-se o que se é fala do cultivo permanente de si mesmo, uma obra em permanente construção.

Referências

MARTON, S. Nietzsche, Reflexão Filosófica e Vivência. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 143, [pagina inicial-final], 2000. Friedrich Nietzsche.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo**. Como alguém se torna o que é. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. **Correspondencia VI**. Outubro 1887 – Enero 1889. Tradução, introdução e notas de Joan B. Llinares. Madrid: Editorial Trotta, 2012.

ÉCOLE NORMALE SUPERIEURE DE PARIS. **Nietzsche Source**. Editor Paolo D'Iorio. Web site dedicado à publicação de conteúdo acadêmico sobre a obra e a vida de Friedrich Nietzsche; nele é encontrada a edição crítica dos textos e cartas originais de Nietzsche estabelecidos por Colli/Montinari. Disponível em: <<http://www.nietzschesource.org>>. 16 maio 2011.

Recebimento em: 03/11/2012.
Aceite em: 16/11/2012.